

12

No canto do console de comunicação, o intercomunicador chamou.

— Karrde? — disse a voz cansada de Dankin. — Estamos chegando ao sistema Bilbringi. Chegamos em cinco minutos.

— Estaremos lá — respondeu Karrde. — Prepare os canhões turbolaser... não sabemos o que vamos encontrar.

— Certo. Desligando.

Karrde desligou o intercomunicador e o decodificador.

— Ele parece cansado — comentou Aves, do outro lado do console.

— Quase tanto quanto você — respondeu Karrde, dando uma última olhada no monitor antes de desligá-lo: o relatório de Anchoron, como os outros, fora negativo. — Acho que fazia muito tempo que você não ficava dois turnos seguidos em serviço. Ninguém da tripulação está mais acostumado. Acho que vou incluir alguns turnos duplos nos exercícios.

— Tenho certeza que os homens vão adorar. Não gostamos que as pessoas pensem que somos moles — disse Aves.

— E contrário à nossa imagem — concordou Karrde, levantando-se. — Vamos indo; depois acabamos com isso.

— Ainda acho que vai ser inútil. Tem certeza mesmo que Skywalker avistou clones em Berchest?

— Skywalker tinha certeza. Espero que não esteja sugerindo que o nobre Jedi tenha mentido para mim — afirmou Karrde.

— Mentido, não, mas estou imaginando se tudo isso não passa de uma armação do Império. Algo que Thrawn está agitando em frente aos nossos narizes, para nos afastar do caminho certo — sugeriu Aves.

— Esse pensamento já me ocorreu. Mesmo com as vantagens de conhecer o governador Staffa, acho que entramos e saímos muito fácil do sistema.

— Você não mencionou essas reservas quando estava distribuindo tarefas, em Chazwa.

— Tenho certeza que cada um dos outros teve pensamentos parecidos. Assim como já ocorreu a eles que temos um agente do Império entre nós, e precisamos fazer o nosso melhor para que acreditem termos engolido a isca de Thrawn com anzol e tudo. Se *é* que se trata de uma armadilha.

— E se *é* que temos um agente do Império no grupo... Karrde sorriu.

— Se tivéssemos um pouco de brualiki, podíamos beber brualiki com Menkooor — sugeriu ele.

— Isso se tivéssemos Menkooor — emendou Aves, completando o velho ditado. — Você ainda acha que Ferrier está trabalhando para Thrawn, não acha?

Karrde deu de ombros.

— E só a palavra dele contra a de Solo para provar que não trabalhou para o Império no caso da Frota *Katana*.

— Foi por isso que você enviou Torve na nave de assalto até o sistema Roche?

Karrde desejou que Mara estivesse ali. Aves era um bom homem, mas precisava que tudo fosse lhe fosse explicado em detalhes. Ela teria entendido tudo de uma vez.

— Certo. Conheço alguns verpine que me devem um favor. Se a nave de assalto estiver equipada com alguma coisa a mais, eles saberão.

Atingiram a cabine e a porta deslizou para que passassem.

— Situação? — pediu Karrde, olhando através do visor para o céu manchado do hiperespaço.

— Todos os sistemas funcionando e prontos — disse Dankin, passando o assento para Aves. — Balig, Lachton e Corvis estão nos turbolasers.

— Obrigado — respondeu Karrde, acomodando-se no assento do co-piloto. — Fique por perto, Dankin. Você vai ser capitão hoje.

— Estou honrado — respondeu Dankin com frieza, caminhando até o posto de comando e acomodando-se.

— Sabe do que se trata tudo isso? — quis saber Aves.

— Não tenho a menor idéia — admitiu Karrde. — De acordo com Par'tah, tudo o que Mazzic declarou é que eu gostaria de ir a Bilbringi

depois de nosso encontro com os outros, em Chazwa.

— Deve ser a retribuição ao Império que ele e Ellor planejaram em Trogan. Acho que não vou gostar disso — comentou Aves, com uma careta.

— Lembre-se: aconteça o que acontecer, somos observadores inocentes — lembrou Karrde. — Uma nave de transporte com um horário autorizado e uma carga de conversores de energia Koensayr. Tudo legal.

— Isso se ninguém vier examinar de perto. Muito bem, estamos chegando — informou Aves, acionando os controles do hiperdrive.

O espaço tornou-se negro e pontilhado de estrelas.

De estrelas, naves incompletas, plataformas flutuantes, operários em trajes espaciais e todo o tipo de equipamentos pesados de um estaleiro espacial. Quase à frente do *Wild Karrde*, uma enorme estação de batalha espacial Golan II ostentava seus armamentos ameaçadores.

Haviam chegado aos estaleiros espaciais de Bilbringi.

Dankin assobiou baixo.

— Dêem uma olhada naquelas construções novas — disse ele, com a voz pasmada. — Eles não estão para brincadeiras, estão?

— Não mesmo — concordou Karrde. — Nem estão brincando ao redor de Ord Trasi, ou de Yaga Menor.

Se Thrawn colocasse a metade do empenho em sua instalação produtora de clones do que colocava na área de construção de naves de guerra...

— Nave cargueira, aqui é o controle de Bilbringi — alertou uma voz pelo comunicador. Identifiquem-se, e forneçam seu ponto de partida e o destino.

— Dankin? — murmurou Karrde.

— Nave cargueira *Hab Camber*. Viemos de Valrar. Capitão Abel Quiller no comando. Levando um carregamento de conversores de energia para a Doca Quarenta e Sete.

— Certo — disse o controlador. — Fiquem a postos até confirmação.

Aves bateu no braço de Karrde e apontou pelo visor.

— Estão lançando uma nave de assalto. Vinha na direção do *Wild Karrde*.

— Mantenha o curso — disse Karrde. — Acho que só querem saber se estamos nervosos.

— Ou estão esperando encrenca — sugeriu Aves.

— Ou estão limpando as coisas depois da batalha — acrescentou Dankin. — Se Mazzic já esteve aqui...

— Nave cargueira *Hab Camber*, estamos ordenando que mantenham posição — avisou o controlador pelo alto-falante. — Um grupo irá fazer a inspeção de seu manifesto de carga.

— Por que? Qual o problema com ele? — indagou Dankin, a dose exata de indignação e surpresa. — Escutem, eu sou um negociante, com uma entrega a fazer. Não tenho tempo a perder com burocracia...

— Se preferir, podemos terminar agora mesmo com todos os seus problemas de horário — interrompeu o controlador, com voz sádica. — Se não, sugiro que se prepare para recebê-los a bordo.

— Entendido, controle. Só espero que eles sejam rápidos.

— Controle desligando. Dankin olhou para Karrde.

— E agora?

Se Mazzic fosse cumprir o horário que fornecera a Par'tah, devia aparecer a qualquer instante. Karrde observou alguns objetos escuros e irregulares, flutuando próximos ao centro do estaleiro.

— Agora nos preparamos para recebê-los a bordo. Aves, consiga uma leitura daquelas coisas para mim. Não se parecem nada com uma nave — pediu Karrde, apontando o local.

— Não são naves — informou Aves, depois de alguns segundos. — Parecem asteróides de tamanho médio... talvez tenham quarenta metros de diâmetro cada um. Vinte e dois deles.

— Estranho... o que será que o Império quer com vinte e dois asteróides?

Na área havia cerca de trinta pequenas naves de apoio, com um número parecido de operários movendo-se ao redor dos asteróides.

— Eles podem estar transformando os asteróides em minas — arriscou Aves. — Mas nunca ouvi contar um caso em que trouxessem os asteróides até o estaleiros.

— Nem eu. Mas fico imaginando se isso não estará relacionado com a super-armas de Thrawn. A que atingiu Ukio e Woostri.

— Isso explicaria a segurança reforçada — lembrou Aves. — Falando nisso, a nave deles está chegando perto. Vamos deixar eles subirem a bordo?

— A menos que você queira sair daqui à toda, não vejo nenhuma outra alternativa. Dankin, acha que nosso manifesto resiste muito tempo a um exame?

— Pode agüentar um bocado de tempo — disse Dankin, devagar. — Depende só de suspeitarem de alguma coisa ou realizarem um exame minucioso. Karrde, dê uma olhada quarenta graus a bombordo. Aquele destróier imperial meio por terminar... está vendo?

Karrde girou em sua cadeira. O destróier estelar estava na verdade, quase terminado, faltando apenas adicionar a superestrutura de comando e partes do bastião de proa.

— Estou vendo. O que tem?

— Parece que tem um bocado de agitação por ali...

Na metade da frase, o flanco de estibordo do destróier explodiu.

Aves assobiou, espantado, e uma secção dianteira seguiu o exemplo do flanco, voando pelos ares numa nuvem de fogo e destroços.

— Pela Galáxia! Acha que é Mazzic?

— Não tenho a menor dúvida — disse Karrde, acionando o monitor principal para ver melhor. E acho que talvez ele tenha exagerado um pouco.

Verificando o monitor, em silhueta contra as chamas, distinguiu cerca de meia dúzia de naves do tamanho de cargueiros partindo na direção do perímetro. Um grupo de controle de desastres já sobrevoava a nave em chamas, com três esquadrilhas de TIE atrás.

Então, abruptamente, as esquadrilhas mudaram seu vetor de direção, passando a procurar a interceptação da trajetória das naves em fuga.

— Eles foram avistados — anunciou Karrde.

Rápido avaliou a situação. O grupo de Mazzic estava em inferioridade numérica e de armamentos, uma desvantagem que tendia a piorar antes que atingissem distância suficiente para arriscar um salto

para o hiperespaço. Os três turbolasers do *Wild Karrde* deixariam equilibrados os números mais equilibrados; infelizmente, o centro da ação estava longe demais para que influíssem de alguma forma no resultado.

— Vamos ajudá-lo? — murmurou Aves.

— Temos todo o direito de não levantar um dedo para ajudar — afirmou Karrde, iniciando o procedimento de cálculo do salto para a velocidade da luz, depois acionando o interfone. — Ajudar a um ataque tão mal planejado só pode encorajar outros como esse. Mas acho que não podemos ficar sentados aqui. Corvis?

— Estou aqui.

— Quando eu der a ordem, abra fogo contra a nave de assalto que está se aproximando. Balig e Lachton, vocês atiram contra a estação de batalha. Vamos ver quanta confusão conseguimos causar. Ao mesmo tempo, Aves, você vai alterar o vetor para...

— Espere um pouco, Karrde — interrompeu Dankin. — Olhe lá... cinquenta graus a bombordo.

Karrde olhou. Ali, no mesmo vetor utilizado pelas naves de Mazzic, em fuga, um par de canhoneiras corellian aparecera do hiperespaço. A formação de caças TIE que viera daquela direção mudou de direção para enfrentar os novos inimigos, mas logo foram reduzidos a cinzas.

— Muito bem... parece que o planejamento de Mazzic não é tão ruim quanto pensei — confessou Karrde.

— Deve ser o pessoal do Ellor — observou Aves.

— E mesmo. Naves de guerra corellian não fazem o estilo de Mazzic... pelo menos no que diz respeito ao orçamento. E uma estratégia que com certeza agrada ao descuido cultural dos duri.

— Eu diria que naves desse tamanho estão fora do orçamento de Ellor, também — comentou Dankin. — Acha que ele as roubou da Nova República?

— Roubar é um verbo tão agressivo — corrigiu Karrde. — Acredito que ele as considere um empréstimo temporário e informal. As naves da Nova República utilizam o sistema de manutenção dos duri, no Espigão do Comércio, e Ellor possui interesses em vários deles.

— Aposto que desta vez vão fazer muitas queixas sobre a qualidade do serviço — observou Aves. — A propósito, ainda estamos planejando atirar sobre a nave de assalto?

— Não — respondeu Karrde, que quase esquecera o assunto. — Corvis, Lachton e Balig... desliguem os turbolasers. Todos os outros, não estamos mais em estado de alerta. Preparem-se para receber inspetores do Império.

Todos assentiram e voltou-se para deparar com o navegador olhando para ele.

— Não vamos mais correr? Nem mesmo depois daquilo?

— indagou Aves, apontando o destróier e a luta que ainda progredia no exterior.

— O que está acontecendo lá não tem nada a ver conosco — declarou Karrde. — Somos transportadores independentes de mercadoria, com um carregamento de conversores de energia, esqueceu?

— Não, mas...

— Além do mais, será interessante observar o que acontece depois dessa batalha. Escutar as comunicações, observar os reparos imediatos, os ajustes da segurança e conseguir um relatório de danos confiável. Esse tipo de coisas.

Aves não pareceu convencido, mas sabia que não adiantava discutir.

— Se você acha que podemos escapar da vitória, com a cabeça a prêmio e tudo o mais...

— Este é o último lugar do mundo onde um comandante do Império espera que a gente apareça — assegurou Karrde. — Além do mais, ninguém está reparando em nós.

— Pelo menos não numa nave comandada pelo capitão Abel Quiller — disse Dankin, retirando as correias e ficando em pé. — Impaciente e bombástico, certo?

— Certo. Mas não exagere na parte bombástica. Não queremos nenhuma hostilidade, só aborrecimento.

— Pode deixar.

Ele saiu da ponte de comando e Karrde voltou-se para olhar os destroços do destróier estelar. Uma lição a ser observada e se Mazzic e

Ellor tivessem perguntado sua opinião seria contrária. Mas não perguntaram, haviam agido.

E agora tudo ficaria ainda pior do que depois de Trogan. Porque o Grande Almirante Thrawn não deixaria isso passar sem uma resposta rápida e violenta. Se ele conseguisse rastrear o ataque até Mazzic... não seria difícil chegar até ele.

— Não vamos poder deixar as coisas assim — murmurou ele, para si mesmo. — Vamos ter de organizar as coisas. Todos nós.

— O quê? — perguntou Aves, sem entender.

Karrde olhou para o rosto, não muito sagaz, nem intuitivo.

— Não importa — disse ele ao outro, sorrindo para amenizar o efeito.

Voltou-se para a nave de assalto que se aproximava. Prometeu a si mesmo que quando aquilo terminasse ele iria dar um jeito de buscar Mara.

A última página passou pelo monitor e Thrawn olhava para o homem em posição de sentido à sua frente.

— Tem algo a acrescentar a esse relatório, general Drost? — indagou ele, em voz baixa.

Perigosamente baixa, na opinião de Pellaeon. Com certeza mais baixa do que seria a *sua* voz na mesma situação. Olhando para fora do visor do *Quimera*, viu os destroços enegrecidos que quase haviam sido um destróier estelar todo equipado, e valioso, só podia dar razão ao Grande Almirante, pensando em decepar a cabeça de Drost. Era o que ele merecia.

E Drost sabia disso.

— Não senhor — respondeu o general, com voz tensa. Thrawn manteve os olhos no subordinado por mais um instante, depois voltou-se para o espaço.

— Pode me fornecer um só motivo para que eu não o retire do comando?

— Não, senhor — murmurou ele, num sopro de voz.

Por um bom tempo, tudo o que se ouviu na cabine de comando do *Quimera* foi o zumbido suave do equipamento. Pellaeon olhava o rosto do general, imaginando qual seria a punição. No mínimo, um fiasco

como aquele deveria produzir uma corte marcial sumária e dispensa do cargo por negligência. No máximo... bem, sempre havia a tradicional resposta do Lorde Vader à incompetência.

E Rukh já estava próximo ao assento de Thrawn.

— Volte ao seu quartel-general — disse o Grande Almirante.

— O *Quimera* vai partir em trinta horas. Você tem até lá para projetar um novo sistema de segurança para o estaleiro. Só então vou tomar uma decisão sobre seu futuro. Drost olhou para o capitão, depois para Thrawn.

— Entendido, senhor. Não vou falhar novamente, Grande Almirante.

— Acredito que não — observou Thrawn, com um tom sutil de ameaça na voz. — Dispensado.

Drost cumprimentou e saiu, o olhar cheio de determinação.

— Desaprova, capitão?

Pellaeon forçou-se a encarar os olhos vermelhos.

— Imaginei que seria necessária uma ação punitiva mais enérgica, Grande Almirante.

— Drost é um bom militar do jeito dele. Sua maior fraqueza é uma tendência para tornar-se complacente. Para o futuro imediato, pelo menos, ele vai se curar disso.

O capitão olhou para o destróier semidestruído.

— Uma lição bem cara.

— Exato — concordou Thrawn. — E também é um ótimo exemplo do motivo pelo qual eu não queria que os sócios de Karrde se agitassem.

— Foram os contrabandistas? — indagou Pellaeon, franzindo a testa. — Imaginei que fosse um esquadrão rebelde de sabotagem.

— Drost ficou com a mesma impressão. Mas o método, assim como a execução, foram diferentes. Acredito que o suspeito mais provável seja Mazzic. Embora existam alguns elementos duri, que também apontam para o estilo do grupo de Ellor.

— Certo... — murmurou Pellaeon, imaginando que aquilo lançava uma nova luz sobre o assunto. — Presumo que vamos fazê-los se arrependerem de atacar o Império.

— Eu adoraria — disse Thrawn. — E pelo poder do Império não hesitaria em fazer isso. Mas infelizmente, no ponto em que estamos, tal reação seria contraprodutiva. Não apenas iria fortalecer a resolução dos contrabandistas, mas também estaríamos nos arriscando a fazer com que outros marginais da Galáxia abram hostilidades contra nós.

— Com certeza não precisamos tanto assim dos serviços e da assistência deles — comentou o capitão.

— Nossa necessidade desses vermes não é tão grande assim. Mas isso não significa que estejamos em posição de abandoná-los inteiramente. Só que não é esse o ponto. O problema é o perigoso fato de que os marginais possuem experiência em operar no interior dos círculos oficiais sem permissão para fazer isso. Mantê-los afastados de lugares como Bilbringi iria nos custar muito mais do que temos para gastar no momento.

— Compreendo perfeitamente, senhor, mas não podemos ignorar um ataque desta magnitude.

— Não vamos ignorar. Mas nossa resposta virá para a maior vantagem do Império — disse Thrawn, voltando sua poltrona para o visor. — Nesse meio tempo...

— GRANDE ALMIRANTE THRAWN!

O grito ecoou pela ponte como um trovão, preenchendo o aposento inteiro. Pellaeon encolheu-se, procurando por reflexo o desintegrador que não estava usando.

Joruus C'baoth caminhava rápido pela ponte, a barba esvoaçando ao redor dos olhos brilhantes. Uma energia irada pairava ao redor dele; atrás, os dois soldados das tropas de assalto que guardavam a porta estavam estendidos no chão, inconscientes ou mortos.

Pellaeon engoliu em seco, a mão procurando e encontrando o contato reconfortante com o ysalamiri no assento do Grande Almirante. A moldura moveu-se e Thrawn voltou o rosto para o Mestre Jedi que se aproximava.

— Quer falar comigo, Mestre C'baoth?

— Eles falharam, Grande Almirante. Está me ouvindo? Seus comandos falharam! — berrou C'baoth.

— Estou escutando muito bem. O que fez com meus guardas?

— *Meus guardas!* — corrigiu o Mestre Jedi, com a mesma voz retumbante. Mesmo sem o elemento da surpresa era um recurso eficiente. — *Meus!* Sou eu quem comanda o Império, Grande Almirante Thrawn. Não você.

Thrawn virou-se para o lado, olhando para o oficial encarregado do pessoal, no poço.

— Ligue para a enfermaria. Peça para mandarem uma equipe.

Por alguns instantes, Pellaeon acreditou que C'baoth iria objetar, ou pior... abater o oficial ali mesmo. Porém toda a atenção dele parecia estar voltada para Thrawn.

— Seus comandos falharam, Grande Almirante Thrawn.

— Você já disse disso. Todos foram mortos, menos o major em comando.

— Então acho que é tempo de tomar a tarefa em minhas próprias mãos. Você me levará para Coruscant. Agora.

— Está bem, Mestre C'baoth. Assim que eu terminar de embarcar minha carga especial podemos partir para Coruscant — afirmou Thrawn.

Obviamente não se tratava da resposta esperada por C'baoth.

— O quê?

— Eu disse que assim que a carga especial estiver a bordo do *Quimera* e das outras naves, partimos direto para Coruscant — repetiu o Grande Almirante.

C'baoth olhou para Pellaeon, dando a impressão de buscar a informação que os sentidos Jedi não percebiam.

— Qual é o truque? — quis saber C'baoth, encarando Thrawn.

— Não há truque nenhum. Resolvi que um ataque-relâmpago ao coração da Rebelião será a melhor maneira de abalar a moral e preparar o ambiente para o próximo estágio da campanha. Aqueles são nossos passaportes.

C'baoth seguiu-lhe o olhar até o estaleiro de Bilbringi. Passou pelo destróier estelar enegrecido... e fixou-se nos asteróides agrupados no setor central.

— Aqueles asteróides? — indagou ele, apontando. — Eles é que são sua carga especial?

— Você é o Mestre Jedi. Diga você.

C'baoth olhou para Thrawn e Pellaeon prendeu a respiração. O Grande Almirante estava lançando uma isca... um jogo muito perigoso, em sua opinião. As únicas pessoas que sabiam o que Thrawn tinha em mente estavam protegidas pelo ysalamiri.

— Muito bem, Grande Almirante Thrawn. É o que vou fazer — declarou C'baoth, respirando fundo e fechando os olhos.

As linhas do rosto dele se aprofundaram com o esforço mental, como Pellaeon não via há muito tempo. O capitão ficou observando e imaginando o que o outro estava fazendo... até que veio a compreensão. Lá fora, próximo aos asteróides, havia centenas de trabalhadores, oficiais e técnicos que haviam trabalhado no projeto, cada um deles com suas especulações sobre o resultado final. C'baoth penetrava em todas aquelas mentes, tentando compilar de tudo aquilo, um quadro completo da situação.

— Não! — gritou ele, de repente. — Você não pode destruir Coruscant. Pelo menos não até que eu tenha os meus Jedi.

Thrawn balançou a cabeça.

— Não tenho a menor intenção de destruir Coruscant...

— Está mentindo! — interrompeu C'baoth. — Você sempre oculta os fatos para mim. Mas agora acabou. Chega. *Eu* comando o Império, com todas as suas forças.

Ele levantou as mãos sobre a cabeça e um brilho azulado formou-se sobre eles. A despeito de sua posição, Pellaeon abaixou-se, lembrando das faíscas que C'baoth produzira na cripta, em Wayland. Mas nenhuma faísca apareceu. O Mestre Jedi ficou ali, as mãos agarrando o ar, os olhos focalizados em algum ponto no infinito. O capitão franziu a testa e já estava pensando em perguntar a ele do que se tratava, quando olhou para o poço da tripulação a bombordo.

Os homens estavam rígidos em suas cadeiras, as costas retas e paradas, as mãos dobradas no colo, os olhos presos aos monitores sem enxergar nada. Atrás deles, os oficiais pareciam paralisados e igualmente alienados. O poço da tripulação a estibordo apresentava o mesmo quadro e nos consoles de comunicação, que deveriam estar recebendo relatórios de outras partes da nave, o equipamento também cessara a atividade.

Era o momento que Pellaeon temia desde a primeira visita a Wayland. C'baoth assumira o comando do *Quimera*.

— Uma demonstração interessante — comentou Thrawn, com voz calma. — Estou muito impressionado. O que pretende fazer agora?

— Será que preciso me repetir? Pretendo levar essa nave até Coruscant. Para pegar meus Jedi e não acabar com eles.

— Temos um mínimo de cinco dias até Coruscant, de onde estamos.

Cinco dias durante os quais você precisará manter o controle dos trinta e sete mil tripulantes do *Quimera*. Muito mais tempo, naturalmente, se você pretende combater ao final da viagem. Se pretende levar também as outras naves de apoio, esse tempo tende a aumentar bastante.

— Duvida do poder da Força, Grande Almirante Thrawn?

— De jeito nenhum. Só estou enumerando os problemas que você e a Força precisam resolver se deseja continuar com essa ação. Por exemplo, você sabe onde a frota de Coruscant está baseada e o número e o tipo de naves de que dispõem? Já pensou sobre como neutralizar as estações orbitais de batalha e os sistemas terrestres de defesa em Coruscant? Sabe quem está no comando da defesa planetária e como vai dispor as forças de defesa? Já considerou o campo energético de Coruscant? Sabe como utilizar a capacidade tática e estratégica de um destróier estelar?

— Você quer me confundir — acusou C'baoth. — Seu homens... *meus homens*, sabem a resposta a todas essas perguntas.

— Algumas delas, sim. Mas você não pode saber as respostas. Não todas. Certamente não com a rapidez necessária.

— Eu controlo a Força — repetiu o Mestre Jedi, irritado. Porém, aos ouvidos de Pellaeon as palavras soaram como um pedido. Como uma criança lançando uma ameaça que não pretende cumprir.

— Não — concluiu Thrawn. Talvez tivesse percebido a alteração de tom. — A Galáxia ainda não está pronta para você, Mestre C'baoth. Mais tarde, quando a ordem estiver restaurada, eu a oferecerei para governar como quiser. Mas essa época ainda não chegou.

Por um bom tempo, C'baoth permaneceu imóvel, a boca murmurando algo por trás da barba comprida. Repentinamente, com certa relutância, ele baixou os braços; com esse movimento, a tripulação começou a mover-se na cabine, muitos tossindo e gemendo. O ruído das botas movendo-se contra o convés metálico encheram o aposento à medida que os homens eram libertos do controle do Mestre Jedi.

— Você nunca ofereceria o Império para mim. Não por livre e espontânea vontade.

— Isso depende de sua habilidade em manter o que estou no processo de recriar e conquistar — afirmou Thrawn.

— E que não pode se realizar sem você?

— Você é o Mestre Jedi. Enquanto contempla o futuro, pode enxergar um Império se erguendo sem a minha presença?

— Vejo muitas possibilidades para o futuro — disse C'baoth. — Em algumas delas você não sobrevive.

— Uma incerteza presente na carreira de todos os guerreiros. Mas não foi isso o que perguntei.

C'baoth sorriu.

— Nunca presuma que é indispensável em meu Império, Grande Almirante Thrawn. Apenas eu sou indispensável — declarou ele, erguendo-se com imponência. — Por enquanto, me agrada que você conduza minhas tropas à batalha. Desde que não destrua Coruscant. Não até que eu tenha os Jedi em meu poder.

— Como já disse, não tenho a menor intenção de destruir Coruscant. Por enquanto, o medo e a queda de moral que acompanha um cerco será bem melhor para meus propósitos — disse Thrawn.

— *Nossos* propósitos — corrigiu C'baoth. — Não se esqueça disso, Grande Almirante Thrawn.

— Não esquecerei.

— Ótimo. Nesse caso, pode continuar com seus deveres. Estarei meditando, se precisar de mim. Meditando sobre o futuro do meu Império.

Voltou-se e caminhou pela ponte. Pellaeon só soltou a respiração depois que a porta deslizou sobre ele.

— Mande uma mensagem para o *Incansável*, capitão — ordenou Thrawn, sem perder tempo. — Diga ao capitão Dorja que preciso de uma tripulação de quinhentos enfermeiros para as próximas seis horas.

Pellaeon olhou para o poço de estibordo. Aqui e ali enxergou um tripulante em seu posto, porém a maioria estava caída em suas poltronas. Os oficiais estavam apoiados em paredes ou consoles, tremendo.

— Sim, senhor. Pretende adiar a operação em Coruscant?

— Não mais do que o necessário. A História precisa seguir seu curso, capitão. Os que não a conseguem acompanhar, devem observar à distância — declarou Thrawn, olhando para a porta pela qual C'baoth saíra. — E os que ficam no caminho... não vão poder observar nada.